

Considerações finais

Qualquer que seja a repercussão do pensamento de Nietzsche sobre a nossa época, desde a crítica à cultura até os limites da ontologia, impõe-se como ponto nuclear a situação do sujeito no tempo, logo a consideração histórica da existência dada, sem cessar, à multiplicidade das interpretações. Poder-se-ia dizer, em termos modernos, que tudo em Nietzsche se reduz à hermenêutica e desse modo tudo também vem a se ampliar sob a iluminação prismática das perspectivas. Se para Nietzsche o sujeito é ele inclusive uma perspectiva, toda a crítica da cultura é cambiante, toda a interpretação dos fenômenos da existência deve ser submetida ao impacto do devir e à compreensão por parte do próprio sujeito do seu caráter não absoluto. Assim, na relação dialética entre existência e sentido, o sujeito deve ser subsumido à fragmentação dos seres, tal o pensamento original de Nietzsche.

O eixo teórico de nossa pesquisa sobre o problema da subjetividade no pensamento de Nietzsche foi diretamente suscitado pela crítica que este filósofo desenvolveu nas suas primeiras obras quanto à relação que o indivíduo estabelece com o conhecimento histórico; ali, sobretudo na segunda das Considerações intempestivas, de 1874, na sua descrição da tendência metafísica e substancialista dos estudos históricos, já está posta a questão do *como lidar* com a pluralidade de interpretações do passado.

Procuramos, então, orientar nossa linha de análise com respeito à tentativa original de Nietzsche de encontrar uma alternativa para a relação entre o indivíduo e a história, ou seja, entre a relatividade que marca a consciência individual da historicidade e a necessidade de um sentido lógico e ordenador do passado, avançando, portanto, com o exame da sua crítica à subjetividade gerada pelas correntes idealizantes da metafísica ocidental e as formas peculiares de sua *interiorização*, de sua sedimentação conceitual na consciência histórica da modernidade.

Ao decidirmos por esta ordem de reflexão, acerca da subjetividade e da interpretação da história, estamos, na verdade, operando com a desconstrução nietzscheana das categorias historicistas de compreensão do tempo. Desde as suas primeiras indagações sobre a experiência do tempo até a afirmação da circularidade contida na doutrina do eterno retorno, Nietzsche procurou uma aproximação do indivíduo com a natureza, desestabilizando o conceito tradicional de sujeito e o finalismo característico das teorias da história. Desse modo, sem perder de vista a sua crítica à tendência substancialista do conhecimento e sua reivindicação do uso da metáfora como forma de apreensão da realidade, reforçamos a hipótese de um vínculo entre a sua preocupação, tão marcante nas primeiras obras, em tornar a história livre do ressentimento - ao exemplo da liberdade do artista trágico, doador de sentido para a vida - e todo o seu esforço, no último período de sua produção filosófica, de lidar com o passado como forma de criar no indivíduo uma *consciência de si* - também essa provisória, porém

capaz de reinterpretar as suas experiências com uma nova escala de valores.

Já no aforismo 337 de A gaia ciência, de 1882, ao retomar o tema do *sentido histórico*, Nietzsche descreve o indivíduo que "*die Geschichte der Menschen insgesamt als eigene Geschichte zu fühlen weiss*" (sabe sentir no todo a história da humanidade como *a sua própria história*), sem que esta lhe seja um *fardo*, mas, em oposição ao tipo de sentimento *mórbido* que ele acusara no hegelianismo, lhe seja como uma experiência da subjetividade transmutada numa promessa de força e afirmação da própria existência.¹

Desde o idealismo na sua versão irracionalista, como interpretação antropológica das ambigüidades humanas, abalando os sistemas rígidos de pensamento, insinuando o profundo debate cismático, intensamente cismático, em torno da unidade ou destruição do eu, esse processo de autoconhecimento anti-iluminista vem se refletindo em todas as manifestações culturais. Veja-se o choque das antinomias ideológicas, observe-se a fragmentação da arte formal, a linguagem do cinema cindindo as imagens, o esoterismo da poesia pós-romântica, a música dodecafônica e o romance introspectivo, a pintura abstrata e não-figurativa, todo esse quadro que nós todos vivenciamos ainda hoje é sintoma da indagação sobre a identidade, quer se insinue numa personagem chapliniana, numa criação de Dostoievski ou de Samuel Beckett.

Sabe-se, com Nietzsche, o que vem a ser o niilismo ocidental e a necessidade de ultrapassá-lo. A derrocada de valores rígidos e consuetudinários, a *morte de Deus*, a elisão da moral cristã, tudo isso

empolgou a consciência do homem que não conseguia se libertar nem de ver a existência como um drama, nem de vê-la sem um sentido ou promessa de outro mundo. É nesse vazio que prosperam as mistificações.

Desse modo, a pesquisa direcionou-se para a discussão dos problemas que afetam a individualidade no seu curso histórico, ou seja, procurou tornar visíveis as linhas de resistência da unidade do eu ou da sua dissolução, da afirmação ou negação dos valores individuais, do choque, afinal, entre interioridade e exterioridade. Os autores escolhidos revelam a preocupação moderna com o tempo e com o ser, com a condição contingente da existência e seus conflitos individualistas. Sabe-se que o individualismo inscreve o eu - o eu divinizado - como pseudo-substância nas malhas da linguagem. Desse modo, como pretende Nietzsche, o indivíduo deve sondar as profundezas do abismo, não para conhecer a verdade, mas para inventar a própria vida sob uma nova perspectiva.

Nietzsche jamais abandona a crítica da verdade científica, o seu modo de ser como desdobramento de um processo niilista, sendo, portanto, na sua filosofia, a escrita da história o lugar privilegiado dessa discussão, reunindo aqueles acessórios apontados por ele como vestígios de nossa *crença na gramática*, não raro nos fazendo ver na prática da escrita da história o prolongamento, a resistência, de todo um vocabulário cristão-platônico. O embaraço da historiografia que vem à tona na segunda das Considerações intempestivas é da mesma natureza do embaraço das ciências em geral: trata-se de um saber que se constituiu desde a sua origem na crença de um fundamento e que passa (forçado pela própria *démarche* da razão) a se ver

diante da ausência de fundamento (*Abgrund*), numa espécie de morte anunciada, pois já estava em germe na modalidade de pensamento inaugurada por Sócrates.

A inclusão de algumas notas sobre Kant teve a intenção não apenas de marcar o contraste com relação a imagem que Nietzsche cultiva de Goethe, como o *antípoda* do *chinês de Königsberg*, mas também, dando sequência à análise no primeiro capítulo da relação com o mundo grego (mais precisamente: da possibilidade de se pensar a existência para além de uma regularidade dada pela moral), quanto ao descarte da noção do aperfeiçoamento do indivíduo no mundo como finalidade da história. Nosso propósito, portanto, ao tecermos algumas considerações sobre a filosofia kantiana no capítulo que trata da questão da identidade, do *historiar-se a si mesmo*, foi o de reforçar o quanto era para Nietzsche necessário destruir certos conceitos tradicionais da metafísica.

A tematização da subjetividade em sua filosofia é decisiva para a crise da consciência histórica, pois, ao levantar o problema da identidade - do *eu* que observa e representa os fatos, do *eu*, enfim, que interpreta - a partir do perspectivismo, o que vem à tona é o fazer história como uma arte do simulacro. Mas, uma vez descartada a chance de uma *correta* representação da realidade do passado, haveria ainda a possibilidade de todo mérito e vantagem da pesquisa histórica consistir nas formas de aproximação com esse passado?

Difícilmente se encontrariam hoje historiadores aptos a defender um ideal de objetividade como aquele do modelo atribuído a Ranke (*como*

realmente aconteceu), isto está fora de questão; o ponto que se abre com a crise epistemológica que Nietzsche radicaliza está na precariedade de *toda e qualquer* objetividade, de *todo e qualquer* discurso que pretenda um fundo de verdade com base nos ideais da metafísica tradicional. Não poderia, portanto, aquele que realiza pesquisa no campo historiográfico, furtar-se a um certo efeito incômodo provocado pela leitura dos textos de Nietzsche, a saber: a sua crítica ao elemento de domesticação constitutivo de toda teoria.

O que importa é aquilo o que a sua filosofia pode nos sugerir, não como modelo heurístico, mas como força de expressão, como possibilidade de interpretação, de doação de sentido, sua peculiar forma de conhecimento e autoconhecimento. E, se em diversos momentos enfatizamos que na filosofia nietzscheana a noção de progresso e aperfeiçoamento do homem não encontra abrigo, ao menos como parte do longo programa humanista, em outros, no entanto, exploramos a sua exigência de transformação, de transfiguração.

A coerência do discurso histórico (como um entre muitos substitutos do antigo modelo de objetividade) pode encontrar uma interessante fonte de inspiração na filosofia nietzscheana, sobretudo no estímulo de um filósofo que, a despeito de uma precoce percepção da precariedade da linguagem, jamais decidiu pelo silêncio, em vez disso procurou uma compreensão inteiramente nova do ato de interpretar - uma maneira, enfim, de afirmá-lo para além das fronteiras, já desacreditadas, da lógica identitária do pensamento metafísico, escapando da rigorosa reivindicação da verdade como *adaequatio rei et intellectus*. Isso equivaleria à produção de uma

hermenêutica que já não se ocupa em buscar um significado último, um substrato metafísico por trás de todo texto. Não se pode esperar que daí surja uma nova espécie de *historiador nietzscheano*, aliás, se é que alguém, em qualquer área, pode seriamente ser um *nietzscheano*... Muito mais interessante seria considerar que a exigência já não é a de uma liquidação da representação ou da manutenção de uma retórica da sua crise, porém de aprender a mover-se onde tudo é movimento; afirmar a variação, que contraria os tradicionais atributos de nossa lógica identitária, sem que toda autenticidade se perca na inconstância, sem abrir mão daquilo que vem a constituir um indivíduo e a sua história.

Notas:

¹ NIETZSCHE, Friedrich. "Die Fröhliche Wissenschaft", Werke, Kröner, vol. VI, p.289. (Trad. Maria R. de Carvalho, Maria L. de Almeida, Maria E. Casquinho. In: A Gaia Ciência, p.238).